



## Tecnologias digitais e ateísmo no Brasil: o protagonismo das redes sociais

### *Digital technologies and atheism in Brazil: the protagonism of Social Networks*

Luis Fernando Lopes\*

**Resumo:** Este estudo de caráter eminentemente bibliográfico e exploratório objetiva analisar a temática do ateísmo no contexto da presença cada vez maior das tecnologias digitais em nosso cotidiano, com destaque para as redes sociais e seu potencial na disseminação de informações, ainda que nem sempre compromissadas com a verdade. Nesse contexto, problematiza-se a contribuição das tecnologias digitais e, mais particularmente, das redes sociais na difusão de conteúdos ateístas e seus desdobramentos na sociedade. Os aportes teóricos consideram, sobretudo, as contribuições de Martins (2018), Mezadri (2018), Silva (2020), Xavier e Cardoso (2020), Testa (2020), Sartre (1970), Camus (2019) e, ainda, as análises de Sobrino (1975). A partir da literatura analisada e de documentos consultados, os resultados apontam que a ascensão do ativismo ateu no Brasil no início do século XXI foi facilitada pela presença dos elementos do ciberespaço e da cibercultura.

**Palavras-chave:** Descrença. Tecnologia. Ciberateísmo.

**Abstract:** This eminently bibliographical and exploratory study aims to analyze the theme of atheism in the context of the increasing presence of digital technologies in our daily lives, with emphasis on social networks and their potential in disseminating information, although not always committed to the truth. In this context, the contribution of digital technologies and more particularly social networks in the dissemination of atheistic content and its consequences in society is problematized. The theoretical contributions mainly consider the contributions of Martins (2018), Mezadri (2018), Silva (2020), Xavier and Cardoso (2020), Testa (2020), Sartre (1970), Camus (2019) and the analyzes of Sobrino (1975). Based on the literature analyzed and documents consulted, the results indicate that the rise of atheist activism in Brazil at the beginning of the 21st century was facilitated by the presence of elements of cyberspace and cyberculture.

**Keywords:** Disbelief. Technology. Cyberatheism.

## Introdução

O termo “ateísmo digital” refere-se à expressão e disseminação de ateísmo por meio de meios digitais, como a internet, as redes sociais e os aplicativos de mensagens. O ateísmo digital tem crescido nos últimos anos, à medida que a internet se tornou mais acessível e popular.

Existem várias razões para o crescimento do ateísmo digital. Uma delas é que a internet fornece um espaço seguro para os ateus se conectarem e compartilhar suas

---

\* Doutor em Educação pela UTP (Curitiba-PR). ORCID: 0000-0001-7925-9653 – contato: [fernandocater@gmail.com](mailto:fernandocater@gmail.com)

ideias. Em muitos lugares do mundo, o ateísmo ainda é visto com preconceito ou discriminação. Além de possibilitar a disponibilização de conteúdos, tais como imagens, vídeos e textos, a internet oferece aos ateus um lugar onde eles podem se expressar livremente e se conectar com outros que compartilham suas crenças.

No que se refere ao ateísmo, enquanto posição filosófica que nega a existência de Deus ou divindades sobrenaturais, embora as crenças religiosas possam variar amplamente de acordo com a cultura e as tradições locais, tem se tornado mais comum em algumas partes do mundo, especialmente em sociedades mais seculares e modernas. Contudo, no contexto brasileiro contemporâneo, o aumento significativo observado está relacionado com o aumento do grupo dos que se denominam sem religião.

De acordo com o Censo IBGE de 2010, mais de 15 milhões de pessoas, o que representa 8% da população brasileira, se identificaram como sem religião. Esse número tem crescido progressivamente ao longo das décadas: em 1960, apenas 0,5% da população brasileira se identificava como sem religião, enquanto em 1980 esse número subiu para 1,6%, em 1991 para 4,8% e em 2000 para 7,3%. Pesquisas Datafolha realizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro no início de 2022 apontam um crescimento expressivo do número de brasileiros que se declaram “sem religião”, especialmente entre os jovens. Em São Paulo, entre os jovens entrevistados na faixa etária de 16 a 24 anos, 30% afirmaram não ter religião, superando os evangélicos (27%), católicos (24%) e outras religiões (19%). No Rio de Janeiro, o percentual de jovens de 16 a 24 anos que se declaram sem religião chega a 34%, ultrapassando os evangélicos (32%), católicos (17%) e outras religiões (17%) (Carranço, 2022).

Entretanto, o fato de uma parte considerável da população brasileira se declarar sem religião não significa que se trate de um contingente populacional ateu ou agnóstico. Trata-se de um grupo diverso, “desinstitucionalizado” ou, ainda, “desigrejado”, pelo fato de não fazer parte de uma denominação religiosa específica, mas que não deixou, necessariamente, de ter fé. Uma das características desse grupo diz respeito ao fato de se relacionar com redes sociais mais diversas para além da família e dos espaços confessionais. Esses espaços são, inclusive, ampliados pelos conteúdos a que esse grupo tem acesso nas redes sociais virtuais.

### **Ateísmo ontem e hoje: algumas considerações**

As tecnologias digitais têm mudado a forma como as pessoas se relacionam com o mundo e com suas crenças religiosas. Com o advento da internet, as informações estão disponíveis de forma mais rápida e acessível do que nunca, permitindo que os ateus tenham uma voz mais forte na sociedade.

No entanto, ao mesmo tempo em que as tecnologias digitais possibilitam uma maior difusão do ateísmo, elas também são responsáveis por um aumento na polarização das opiniões e pela disseminação de notícias falsas. As redes sociais, por exemplo, fornecem um meio para que pessoas de diferentes partes do mundo possam se conectar e compartilhar ideias e informações em tempo real. As tecnologias digitais também têm permitido o acesso fácil e rápido a recursos educacionais, de entretenimento e

de informação, o que tem contribuído para a democratização do conhecimento e da cultura.

O ateísmo é uma posição filosófica que rejeita a crença em deus ou deuses. Ou, de maneira mais geral, é “a negação da causalidade de Deus” (Abbagnano, 2015, p. 98). Filósofos como Demócrito, Epicuro e Diógenes defenderam posições ateístas na Grécia Antiga, enquanto Baruch Spinoza, David Hume e Immanuel Kant argumentaram na época moderna que a crença em Deus não era necessária para explicar a natureza da realidade.

No século XIX, de acordo com Stephen LeDrew, o ateísmo desdobrou-se em duas tradições intelectuais, como resultado do iluminismo. A primeira tradição foi influenciada por Comte, Darwin e Spencer, sendo definida como ateísmo científico, que nega a existência de Deus e entende a religião como uma superstição. A segunda tradição, chamada de ateísmo humanista, foi influenciada por Feuerbach, Marx, Nietzsche e Freud, e entende a religião como um fenômeno social decorrente de desigualdades (Silva, 2020).

Ainda de acordo com Silva (2020), para essa tradição, o ateísmo defende a minimização do sofrimento e a maximização do bem-estar e da realização na vida como formas de fazer a religião desaparecer. Nesse sentido, a definição de LeDrew é importante por ressaltar a historicidade dos significados atribuídos ao ateísmo, e é familiar às abordagens feitas pelos historiadores em suas pesquisas.

No século XX, o existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre e Albert Camus desafiou a ideia de uma ordem moral ou divina no universo, argumentando que a vida não tem um propósito objetivo e que cabe a cada indivíduo criar seus próprios valores e significados.

Sartre (1970) argumentou que a existência humana não tem um propósito ou um sentido objetivo, e que somos completamente livres para criar nossos próprios valores e significados. Ele rejeita a ideia de uma natureza humana fixa ou uma essência pré-determinada, e afirma que somos responsáveis por criar nossas próprias vidas por meio de nossas escolhas.

O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. (Sartre, 1970, p. 03).

Para Sartre (1970), a crença em Deus é uma forma de alienação, pois implica a aceitação de uma ordem divina ou moral que limita nossa liberdade e responsabilidade. Em vez disso, ele enfatiza a importância da herança, que é a capacidade de assumir a responsabilidade total por nossas escolhas e ações.

Camus, por sua vez, em seu livro “O Mito de Sísifo”, discute a questão do sentido da vida em um universo absurdo e sem sentido. Ele argumenta que a vida não tem um propósito ou um sentido objetivo, e que a única resposta para o absurdo é uma revolta pessoal contra ele. Camus acredita que a existência humana é marcada pela tensão entre o desejo de encontrar um sentido e a consciência de que não há sentido algum. Ele argumenta que o homem não pode encontrar um sentido objetivo e transcendental

para sua existência, mas deve criar seu próprio significado a partir da consciência de sua finitude e do reconhecimento da impossibilidade de encontrar respostas definitivas para as questões fundamentais da vida.

Ninguém descobre o absurdo sem ficar tentando a escrever algum manual de felicidade. “E como assim, por vias tão estreitas...?” Mas só há um mundo. A felicidade e o absurdo são dois filhos da mesma terra. São inseparáveis. O erro seria dizer que a felicidade nasce necessariamente da descoberta absurda. Às vezes ocorre também que o sentimento do absurdo nasce da felicidade. “Creio que está tudo bem”, diz Édipo, e está fase é maldita. Ressoa no universo feroz e limitado do homem e ensina que nem tudo foi experimentado até o fim. Ela expulsa deste mundo um deus que havia entrado nele com a insatisfação e o gosto pelas dores inúteis. Faz do destino um assunto humano, que deve ser acertado entre os homens. (Camus, 2019, p. 98).

Desse modo, apesar de não defender explicitamente o ateísmo, em sua abordagem filosófica Camus sugere que a crença em um Deus ou em uma ordem divina não é necessária para encontrar um sentido para a vida. Em vez disso, ele enfatiza a importância de encontrar significado e propósito na própria existência, mesmo em um universo sem sentido. Nessa perspectiva, Camus cita algumas frases do filósofo russo Lev Isaakovich Shestov (1886-1938), nas quais Deus será identificado com o absurdo.

A única saída verdadeira, diz ele, “é precisamente onde não há saída no juízo humano. Senão, para que precisaríamos de Deus? As pessoas só se dirigem a Deus para obter o impossível. Para o possível, os homens bastam”. Se há uma filosofia chestoviana, posso muito bem dizer que ela é totalmente resumida assim. Pois quando, ao cabo de suas análises apaixonadas, Chestov descobre o absurdo fundamental de toda existência, ele não diz: “Eis o absurdo”, mas sim: “Eis Deus: devemos remeter-nos a ele, mesmo que não corresponda a nenhuma das nossas categorias racionais”. Para que não haja confusão, o filósofo russo insinua até que esse Deus talvez seja um pouco odioso e odioso, incompreensível e contraditório, mas quanto mais seu rosto é hediondo, mas ele afirma sua potência. Sua grandeza é sua incompetência. Sua prova é sua desumanidade. É preciso saltar nele com esse salto livrar-nos das ilusões racionais. Assim, para Chestov a aceitação do absurdo é contemporânea ao próprio absurdo. (Camus, 2019, p. 33-34).

Essa “divinização do absurdo”, segundo Camus, configura um suicídio filosófico. Assim, Camus utiliza a figura de Sísifo como uma metáfora para a condição humana, caracterizada pela busca de sentido em um universo absurdo e irracional. Para ele, a vida só pode ser vivida plenamente quando se aceita a condição absurda da existência e se constrói um sentido próprio para a vida, mesmo que seja provisório e contingente. “Este mundo absurdo e sem deus é povoado então por homens que pensam com clareza e não esperam nada” (Camus, 2019, p. 98).

Não obstante o caráter absurdo de um mundo sem deus, Sobrino (1975), comenta a noção de ateísmo ambiental para se referir à negação da realidade de Deus como uma realidade sociocultural que se apresenta no primeiro mundo. Conforme o autor, esse tipo de ateísmo foi levado a ser e se estabeleceu ambientalmente quando se deu um passo duplo: 1º) – o desmascaramento da realidade de Deus como desnecessária e desumanizante (ateísmo profissional-libertador, que estabelece a irrelevância e negatividade de Deus para o homem); e 2º) – a explicação da gênese da ideia de Deus a partir da mesma natureza humana e seus desejos (ateísmo científico que estabelece a não identidade de Deus).

Assim, ainda de acordo com Sobrino (1975), o ateísmo ambiental pode dificultar a fé subjetiva em Deus ao questionar sua existência e relevância para os seres humanos. Esse questionamento pode ser especialmente difícil em um contexto socioeconômico-político que causa sofrimento humano, como, por exemplo, o de fome e desnutrição. Entretanto, Sobrino sugere que é possível redescobrir um histórico existencial inerente à condição humana que se opõe a Deus. Ao enfrentar essa realidade e refletir sobre ela, as pessoas podem chegar a uma compreensão mais profunda de sua própria fé e encontrar maneiras de agir no mundo para enfrentar esses desafios.

Nessa perspectiva, a realidade socioeconômica e política pode ser uma fonte de idolatria, especialmente em países em desenvolvimento, onde há dependência e dominação que resultam em enfraquecimento e desnutrição. Ressalta-se que idolatria, nesse contexto, significa a morte de milhões de seres humanos e a “crucificação” de povos humanos. Diante desse cenário, Sobrino (1975) considera que a teologia precisa situar e concretizar historicamente seus lemas fundamentais para abordar essa situação.

A idolatria está, assim, relacionada com a realidade sócio-econômica-política como consequência das estruturas sociais injustas que causam sofrimento humano. Essas reflexões podem ajudar os crentes a compreenderem melhor sua singularidade ao questionar as ideias preconcebidas sobre Deus e a religião e ao oferecer uma perspectiva crítica sobre a realidade socioeconômica e política que pode afetar o sujeito (Sobrino, 1975).

Não obstante a dificuldade de definição do ateísmo já apontada por Testa (2020), de maneira geral é possível considerar que, atualmente, o ateísmo é uma posição filosófica cada vez mais comum, e a discussão sobre a existência de Deus e a natureza da realidade continua a ser um tema central na filosofia contemporânea. Contudo, na realidade hodierna, a presença cada vez maior das tecnologias digitais, com destaque para as redes sociais, proporcionou uma maior circulação de ideias relacionadas ao ateísmo, o que, não obstante as ambivalências que circunscrevem o universo digital, contribui para sua divulgação.

### **Ateísmo no mundo digital: o fenômeno do ciberateísmo**

O ateísmo digital é uma forma de expressão e disseminação de ateísmo utilizando meios digitais, como a internet, as redes sociais e os aplicativos de mensagens. Nos últimos anos, o ateísmo digital tem crescido significativamente, à medida que a internet se tornou mais acessível e popular (Mezadri, 2018).

Nesse sentido, as tecnologias digitais têm impactado significativamente a forma como as pessoas se comunicam, se informam e interagem com o mundo ao seu redor. Com a popularização das redes sociais, os ateus encontraram uma plataforma para expressar suas opiniões e debater questões religiosas. Grupos de discussão, páginas e perfis nas redes sociais permitem que os ateus se conectem e troquem ideias, formando uma comunidade virtual cada vez mais forte.

Além disso, *blogs*, *podcasts* e canais no YouTube dedicados ao ateísmo também têm ganhado cada vez mais espaço na internet, oferecendo conteúdo de qualidade e gerando debates acalorados sobre a existência de Deus e a validade das religiões. Nesse sentido,

as tecnologias digitais tiveram um impacto significativo na forma como as pessoas se comunicam e acessam informações sobre diferentes crenças e filosofias.

Em primeiro lugar, a internet permitiu que as pessoas tivessem acesso a uma grande quantidade de informações sobre diferentes crenças e filosofias de todo o mundo. Isso significa que, agora, é mais fácil para as pessoas aprenderem sobre diferentes tradições religiosas e filosóficas e explorar diferentes perspectivas sobre a vida e o mundo.

De acordo com o instituto de pesquisas e informações estadunidense *Pew Research Center*, que estuda tendências e atitudes sociais que impactam áreas como política, economia, sociologia e religião no mundo, houve um aumento nas últimas décadas do número de pessoas que se declaram como ateias ou agnósticas, especialmente a partir de meados do século XX. Esse fato sugere a importância de analisar o fenômeno do ateísmo, dada sua influência nas sociedades e sintomas religiosos (Xavier e Cardoso, 2020).

Além disso, as tecnologias digitais, como as redes sociais, têm permitido que as pessoas se conectem com outras pessoas que pensam de modo semelhante em suas crenças e filosofias. As redes sociais permitem que as pessoas se unam em comunidades *online* onde podem discutir ideias, compartilhar experiências e encontrar apoio emocional.

Apesar dos benefícios que as tecnologias digitais trazem para os ateus, elas também têm um lado negativo. A facilidade com que as informações são compartilhadas na internet pode levar a uma polarização das opiniões, em que as pessoas tendem a se fechar em suas próprias bolhas informativas e só buscam informações que confirmem suas crenças. (Sumpeter, 2019). “Aquilo que não interessa ao usuário é decidido arbitrariamente pelos algoritmos que decidem mostrar apenas uma parte da realidade na tela” (Santos, 2022, p. 56). Isso pode se tornar muito perigoso quando se trata de questões religiosas, já que a falta de diálogo entre pessoas com visões diferentes pode levar a conflitos e intolerância religiosa, com graves consequências.

Com a incorporação cada vez maior das tecnologias digitais, ao mesmo tempo que o processo de comunicação e a realização de diversas atividades foi facilitada, um espaço amplo para a divulgação de todo tipo de informações foi criado com a consequente utilização inescrupulosa e inclusive ilegal dos recursos do mundo digital. Nesse contexto, a religião e mais especificamente os conteúdos religiosos constituem um elemento de grande circulação no ambiente digital que não raro provocam episódios de intolerância religiosa com a consequente violação de direitos humanos. (Moser e Lopes, 2022, p. 164-165).

Entretanto, Moser e Lopes (2022) consideram ainda que esses mesmos recursos tecnológicos, juntamente com as próprias culturas e suas normas, representam elementos essenciais que têm a capacidade de contribuir para a promoção e garantia dos direitos humanos. Dessa maneira, consideram imperativo promover o conhecimento que conduza a uma educação centrada nos direitos humanos.

Silva (2020), em seu livro intitulado “O ateísmo no Brasil: os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI”, apresenta um estudo abrangente sobre a história do ateísmo no país. Ao investigar os significados históricos atribuídos ao ateísmo desde o início do século XX até o início do século XXI, ele explicita como o ateísmo se tornou um elemento importante para a construção identitária e para o ativismo político de diversos setores da sociedade brasileira. Isso inclui a luta contra a explicação dirigida aos ateus

e ateias, bem como a defesa de instituições públicas laicas, conforme previsto pela Constituição Federal de 1988.

Já para Testa (2020), o ateísmo, no contexto brasileiro, pode ser entendido tanto como oposição quanto como parte do campo religioso. Essa ambiguidade é explorada ao problematizar a categorização do ateísmo entre as religiões, frequente no Brasil dentro e fora da academia.

Assim, a favor da categorização, pode-se argumentar que o ateísmo compartilha com as religiões algumas características essenciais, como a crença em um conjunto de valores e normas que orientam a vida dos indivíduos. Além disso, o ateísmo pode ser visto como uma forma de espiritualidade, na medida em que oferece aos indivíduos um sentido de propósito e significado na vida. Contra a categorização, pode-se argumentar que o ateísmo se distingue das religiões por sua rejeição da crença em Deus ou em outros seres sobrenaturais. Além disso, o ateísmo não está necessariamente associado a práticas religiosas, como a oração, o culto ou a participação em organizações religiosas (Testa, 2020).

Silva (2020) considera que a ascensão do ativismo ateu no Brasil no início do século XXI foi facilitada pela presença dos elementos do ciberespaço e da cibercultura.

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo [...]. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (Lévy, 1999, p. 15-16).

Com a extensão da internet, ateus e ateias, em número reduzido em relação à população brasileira e vivendo em um país de grandes dimensões geográficas, puderam se conectar e organizar em torno de questões específicas, como o Estado laico.

A pesquisadora Patrícia Leonor Martins utilizou a expressão ciberateísmo para designar essa dinâmica. Segundo ela, o termo foi criado pela professora Salma Ferraz e desenvolvido pelas duas pesquisadoras como uma forma de descrever o ativismo ateu que surgiu por meio da atuação de indivíduos em blogs, sites e redes sociais (Silva, 2020, p. 115).

Segundo Mezdari (2018), essa forma de ateísmo tem um impacto significativo na sociedade. Ele ajuda a promover o debate sobre religião e ateísmo, a aumentar a conscientização sobre as diferentes perspectivas religiosas e a quebrar tabus sobre ateísmo. Uma das principais causas defendidas pelo ateísmo digital é o direito de ser ateu. Em muitos lugares do mundo, o ateísmo ainda é visto com preconceito ou discriminação. O ateísmo digital ajuda a promover a aceitação do ateísmo e a garantir que os ateus tenham os mesmos direitos e oportunidades que os religiosos. O direito de ser ateu é essencial para a construção de uma sociedade justa e inclusiva. Um Estado laico é fundamental para garantir esse direito. Em um Estado laico, o Estado não deve privilegiar nenhuma religião em particular. Todos os cidadãos, independentemente de suas crenças religiosas, devem ser tratados de forma igualitária.

Ainda de acordo com Mezdri (2018), as outras causas defendidas pelo ateísmo digital, como direitos humanos, direitos reprodutivos, liberdade de pensamento, de gênero, defesa da democracia, entre outros, também são importantes. No entanto, essas causas são dependentes do direito de ser ateu. Se o ateísmo não for livremente expresso e defendido, é difícil promover essas outras causas. Em um Estado em que o ateísmo é discriminado, os ateus podem ser impedidos de participar da vida pública e de defender seus direitos. Nesse sentido, o direito de ser ateu é a causa de maior relevância emergida das pesquisas sobre ateísmo digital. Essa causa é fundamental para a construção de uma sociedade justa e inclusiva, em que todos os cidadãos tenham os mesmos direitos e oportunidades.

Durante as duas primeiras décadas do século XXI, o ativismo ateu no Brasil tem ganhado destaque através da criação de entidades ateístas e realização de encontros nacionais. No entanto, todas as pesquisas disponíveis sobre o tema concordam que a internet é o principal espaço que tem impulsionado esse movimento. Esse meio de comunicação permitiu uma nova forma de interação entre indivíduos, que tem sido fundamental para a organização e disseminação das ideias ateístas. A dinâmica entre essa forma de comunicação e os indivíduos pode ser compreendida através dos estudos de Manuel Castells sobre a sociedade em rede e de Pierre Lévy sobre a cibercultura (Silva, 2020).

Entretanto, convém ressaltar que as informações disponíveis na internet nem sempre são precisas, o que pode levar as pessoas à adoção de crenças e práticas que não são necessariamente voluntárias para elas ou para os outros. Além disso, as redes sociais também podem incentivar a formação de bolhas de informação, em que as pessoas são expostas apenas a informações que confirmam suas crenças existentes, o que pode levar a uma polarização e divisão social.

Segundo Testa (2020), em termos práticos, é possível afirmar que o meio virtual que se pode chamar especificamente de “neoateísta” se sobrepõe ao meio virtual de aficcionados à ciência. Isso ocorre porque ambos os meios compartilham de um interesse comum pela racionalidade, pela crítica e pela investigação científica. Os neoateístas, por um lado, são pessoas que rejeitam a crença em Deus ou em outros seres sobrenaturais. Eles defendem que a ciência é a melhor forma de compreender o mundo e que a razão é a única fonte de conhecimento válida. Os aficcionados à ciência, por sua vez, são pessoas que se interessam pela ciência em geral, seja pela sua história, pelos seus métodos ou pelos seus resultados. Eles podem ou não ser ateus, mas compartilham da crença na importância da ciência para o desenvolvimento da humanidade.

Ainda de acordo com Testa (2020), a sobreposição entre esses dois meios virtuais pode ser observada em diversos aspectos. Por exemplo, muitos sites e blogs neoateístas discutem temas científicos, como a evolução, o *big bang* ou o buraco negro. Além disso, muitos cientistas, mesmo que não se autodefinam como ateus, participam de debates e discussões neoateístas.

Ainda com relação a essa temática, convém mencionar dois estudos citados por Silva (2020) que abordam o ateísmo no contexto contemporâneo brasileiro, com foco na análise das mídias digitais são: 1) O livro intitulado: “Comunicação e ateísmo: a alternativa do espaço virtual”, da área de comunicação social, escrito por Gino Giacomini-Filho



e Sérgio Luís de Martin (2015) e; 2) a dissertação de mestrado em ciências da religião de Rogério Fernandes da Silva (2015) intitulada “Graças a Deus sou ateu: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoateístas do Facebook”.

Gino Giacomini-Filho e Sérgio Luís de Martin (2015) objetivam caracterizar as ações do ateísmo no campo da comunicação, incluindo sites e mídias sociais em que são ocupados espaços estratégicos para a comunicação ateuísta no Brasil, dada sua pouca presença em outros meios de comunicação. Já Rogério Fernandes da Silva (2015) discute a atuação das comunidades neoateístas brasileiras no Facebook, que foram criadas por militantes ateístas como forma de debater a relação entre ciência e religião, influenciadas pelas obras de Richard Dawkins, Sam Harris, Daniel Dennett e Christopher Hitchens.

Conforme Martins (2018), alguns exemplos são: página oficial do Facebook ATEA; Página de Facebook do Humor Ateu sem Censura; Facebook Inca Venusiano; Facebook Um Sábado Qualquer. E ainda, Canal do YouTube do Coletivo Porta dos Fundos; Canal do YouTube do Pastor Adélio. Outras de menor repercussão são: Eu, ateu; Em nome do troll; Bar do Ateu; Os Crente Pira; Cansei de Religião; Sem Deus no Coração; Evangelize-me Se For Capaz; Canal Antigo do Youtube (página pouco acessada, mas relacionada a vlogs); ARCA – Associação Racionalista de Céticos e Ateus (página do Youtube com pouco acesso, mas de vlogueiros). Em todas essas páginas seus moderados podem ser considerados ciberateístas.

Outro problema trazido pelas tecnologias digitais é a potencialização da disseminação de notícias falsas. Com a facilidade de compartilhar informações na internet, é comum que notícias falsas se espalhem rapidamente, muitas vezes sem que as pessoas verifiquem sua veracidade. Isso pode ser especialmente problemático quando se trata de questões religiosas, já que notícias falsas podem ser usadas para difamar ou desacreditar determinadas religiões ou, mesmo, para incitar a violência contra grupos religiosos específicos.

Nesse sentido, em consonância com a teoria crítica da tecnologia (Feenberg, 2003), convém destacar que as tecnologias digitais e mais especificamente as redes sociais não são instrumentos neutros, mas circunscritos por interesses e múltiplas determinações que integram a sua constituição e interferem diretamente nas consequências do seu uso.

A teoria crítica da tecnologia sustenta que os seres humanos não precisam esperar um Deus para mudar a sua sociedade tecnológica em um lugar melhor para viver. A teoria crítica reconhece as consequências catastróficas do desenvolvimento tecnológico ressaltadas pelo substantivismo, mas ainda vê uma promessa de maior liberdade na tecnologia. O problema não está na tecnologia como tal, senão em nosso fracasso até agora em inventar instituições apropriadas para exercer o controle humano dela. Poderíamos domar a tecnologia submetendo-a a um processo mais democrático de projeto [design] e desenvolvimento (Feenberg, 2015, p. 9).

Assim, é preciso destacar que as tecnologias digitais tiveram um impacto significativo na forma como as pessoas se comunicam e acessam informações sobre diferentes crenças e filosofias. Embora a tecnologia tenha permitido que as pessoas aprendam mais e se conectem com outras pessoas que encorajam suas crenças ou pontos de vista, é preciso salientar que as informações disponíveis na internet nem sempre são precisas e confiáveis.

Dessa forma, as redes sociais podem incentivar a formação de bolhas de informações que podem levar a divisões sociais, como ficou muito evidente em contextos eleitorais.

### Considerações finais

Ao fim e ao cabo dessas reflexões, é possível afirmar que as tecnologias digitais têm trazido mudanças significativas para a forma como as pessoas se relacionam com a religião e o ateísmo. Por um lado, elas permitem uma maior difusão do ateísmo e uma maior conexão entre os ateus. Isso pode ser visto como uma oportunidade para que os ateus se organizem e promovam seus direitos e valores.

Por outro lado, as tecnologias digitais também podem levar à polarização das opiniões e à disseminação de notícias falsas. Isso pode dificultar o diálogo entre pessoas com diferentes crenças religiosas e pode levar à intolerância religiosa. Nesse contexto, cabe aos usuários das tecnologias digitais buscar informações confiáveis e manter um diálogo respeitoso com pessoas com visões diferentes. Isso é importante para evitar a intolerância religiosa e promover a liberdade de pensamento e expressão.

Conforme destacou-se no decorrer das análises, as tecnologias digitais e, mais especificamente, as redes sociais, não são instrumentos neutros, mas carregam os interesses e objetivos e que são próprios da sua natureza e dos seus proprietários, o que tem um impacto direto nas consequências do seu uso.

As redes sociais podem contribuir para a disseminação do ateísmo de várias maneiras. Desde o acesso à informação, pois as redes sociais permitem que informações sobre diferentes religiões e crenças sejam compartilhadas e toleradas livremente, permitindo que os usuários tenham acesso a diferentes perspectivas e pontos de vista, o que pode levar a uma maior compreensão e questionamento das crenças religiosas.

Outro elemento que precisa ser mencionado é a comunicação entre ateus, uma vez que as redes sociais permitem que ateus de diferentes partes do mundo se conectem e se comuniquem entre si, formando comunidades online de pessoas que inspiram a mesma visão de mundo. Isso pode ser particularmente importante para aqueles que vivem em áreas onde a descrição é vista como um tabu. As redes sociais permitem que as pessoas discutam abertamente sobre religião, compartilhando suas experiências e pontos de vista. Essas reflexões podem levar a um maior questionamento das crenças religiosas e podem ajudar a promover a descrença.

Além disso, as redes sociais possibilitam que os usuários sejam expostos a diferentes pontos de vista sobre religião, o que pode levar a uma maior compreensão e questionamento das crenças religiosas. Assim, as redes sociais também permitem que os ateus se engajem em ativismo online, promovendo a descrença e defendendo os direitos dos ateus em todo o mundo. Isso pode incluir a organização de eventos *online* e *offline* para promover a descrença e aumentar a conscientização sobre questões ateístas.

Por outro lado, diante de uma realidade como a nossa marcada mundialmente por conflitos e exploração, entre outras mazelas, que causam enorme sofrimento humano, ressalta-se a possibilidade de redescobrir um histórico existencial inerente à condição humana que se opõe a Deus. Assim, ao refletir e enfrentar essa realidade é possível a

cada pessoa alcançar uma compreensão mais profunda de sua própria fé e encontrar maneiras de agir no mundo para enfrentar esses desafios.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes:2015.

CAMUS, Alberto. O Mito de Sísifo [recurso eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Editora Leya, 2019.

CARRANÇA, Thais. Jovens ‘sem religião’ superam católicos e evangélicos em SP e Rio. Da BBC News Brasil em São Paulo, 9 maio 2022. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257#:~:text=As%20primeiras%20pesquisas%20Datafolha%20de,a%2025%25%20em%20%C3%A2mbito%20nacional.>> Acesso em: 23 abr. 2023.

GIACOMINI-FILHO, Gino; MARTIN, Sérgio Luís de. Comunicação e ateísmo: a alternativa do espaço virtual. Estudos de Religião. São Paulo, v. 29, n. 2, p. 13-29, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v29n2p13-29>

FEENBERG, Andrew. O que é Filosofia da Tecnologia? Conferência realizada para os estudantes universitários de Komaba em junho de 2003, sob o título de “What is Philosophy of Technology?”. Tradução de Agustín Apaza, com revisão de Newton Ramos de Oliveira. Revisão substancial feita em junho de 2015 por Franco Nero Antunes Soares.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINS, Patrícia Leonor. Ciberateísmo: religião e ateísmo em tempos de rede. Teoliterária. São Paulo, v. 8, n. 15, p. 266-296, 2018. DOI: <https://doi.org/10.19143/2236-9937.2018v8n15p266-296>

MEZADRI, Fernando. O ateísmo virtual e sua agenda de demandas. Revista de Estudios Sociales Contemporáneos N° 18, IMESC-IDEHESI/CONICET, Universidad Nacional De Cuyo, junio 2018, pp. 131-149. Disponível em: < [https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos\\_digitales/10697/10-resc-18-mezadri.pdf](https://bdigital.uncu.edu.ar/objetos_digitales/10697/10-resc-18-mezadri.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2023.

MOSER, A.; LOPES, L. F. Tecnologias digitais, Direitos humanos, religião e democracia. Revista Brasileira de História das Religiões, v. 15, n. 43, 8 abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v15i43.62391>

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. Redes Sociais na Educação Brasileira: seus perigos e suas possibilidades. São Paulo: Artesanato Educacional, 2022.

SARTE, Jean-Paul. O Existencialismo é um Humanismo. Tradutora: Rita Correia Guedes. Les Éditions Nagel, Paris, 1970. Disponível em: < [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/filosofia/texto\\_pdf/existencialismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/existencialismo.pdf) > Acesso em: 26 abr. 2023.

SOBRINO, Jon. Reflexiones sobre teología, ateísmo, idolatría, fe y Dios. *Revista Latinoamericana de Teología*, San Salvador, v. 1, n. 1, pág. 3-12, 1975.

SUMPETER, D. *Dominados pelos números*. São Paulo: Bertrand do Brasil, 2019.

SILVA, Ricardo de Oliveira da. *O ateísmo no Brasil: os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI*. [recurso eletrônico]. São Paulo: Paco Editorial, 2019.

SILVA, Ricardo Oliveira da. Será que chegou a hora e a vez do ateísmo na historiografia brasileira?. *Revista Eletrônica História em Reflexão*, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 280–308, 2018. DOI: 10.30612/rehr.v12i24.9024. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/9024>>. Acesso em: 26 abr. 2023.

SILVA, Rogério Fernandes da. *Graças a Deus sou ateu: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoteístas do Facebook*. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/1955>> Acesso em: 26/04/2023.

TESTA, Sabrina Flavia . *Oposição e parte: O movimento ateu e o campo religioso brasileiro*. [Tese de Doutorado em Antropologia Social]. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/216429/PASO0515-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

XAVIER, E. T.; CARDOSO, M. F. Ateísmo moderno: considerações sobre o crescimento do pensamento ateu na sociedade atual e sua influência nos contextos religiosos. *Kerygma*, Engenheiro coelho (SP), v. 15, n. 2, p. 32–49, 2020. DOI: 10.19141/1809-2454.kerygma.v15.n2.p32-49. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/1303> . Acesso em: 21 abr. 2023.

Recebido em: 27/05/2023

Aprovado em: 14/11/2023

Editor responsável: Fábio L. Stern